

## **5 IDEIAS OBJECTIVAS PARA DESENVOLVER O CRESCIMENTO ECONÓMICO DE PORTUGAL**

### **Enquadramento:**

Em primeiro lugar gostaria de salientar que o Programa Eleitoral que o PSD apresentou nas últimas eleições contempla, nomeadamente no seu ponto 2.4 – Estimular a competitividade empresarial, paginas 42 a 58, um conjunto de áreas de actuação, perfeitamente objectivas, que a serem cumpridas contribuirão para a resolução da equação da competitividade e consequentemente para o crescimento económico de Portugal.

Mesmo que acreditemos que o actual Governo e o Estado não podem fazer tudo sou daqueles que defendem que a vontade política consegue, por vezes, preservar empregos e até conduzir a investimentos lucrativos.

Sendo a vontade política a qualidade mais necessária à renovação política então se os nossos políticos tiverem a vontade de aplicar as medidas constantes, do citado programa do PSD, estou convicto de que a situação do nosso País será bem diferente dentro de três anos.

Em face do exposto, as cinco ideias que apresentarei de seguida devem ser entendidas e até enquadradas nas referidas áreas de actuação e resultam da minha forte convicção como cidadão que é possível colocar Portugal na senda do crescimento Económico.

### **I – Colocar o trabalho no centro da política e da sociedade**

Temos consciência de que os nossos défices são o resultado de um crescimento económico lento, do desemprego e do facto de muitos portugueses que poderiam trabalhar estarem excluídos do mercado de trabalho. Resultam igualmente de subsídios desperdiçados, de clientelismo e do custo dos recursos desbaratados na enorme quantidade de contratações feitas pelo sector público para colmatar a fraqueza do sector privado na criação de emprego.

Portugal tem uma cultura do trabalho. O nosso povo sabe o que é o trabalho e não o teme. Mas a deliberada inversão de valores entre o

trabalho e a dependência do Estado-Providência confundiu as pessoas. Quando alguém que trabalha não vive muito melhor do que alguém que não trabalha, por que razão é que o que trabalha se deveria levantar cedo todas as manhãs?

Este facto é tanto ou mais importante quando é conhecido que no contexto de uma economia globalizada, na qual os trabalhadores portugueses entram em competição directa com os trabalhadores dos países em desenvolvimento, onde os níveis de vida são muito mais baixos, a segurança social não existe e as moedas nacionais são normalmente desvalorizadas, a maior parte do mundo procura fazer face aos desafios dessa globalização trabalhando e investindo mais, enquanto nós temos vindo cada vez mais a subvalorizar o trabalho.

Os empregos são cada vez mais inseguros; temos cada vez mais trabalhadores pobres; as condições de trabalho deterioram-se; os trabalhadores estão mais insatisfeitos com os seus empregos; perverteu-se de tal forma o nosso modelo social que este, em vez de proteger as pessoas, transformou-se em causa de insegurança e sofrimento.

A revalorização do trabalho é assim a chave para o regresso do dinamismo e do crescimento económico do nosso País. O processo da destruição de empregos tem de se transformar num processo de criação de empregos. Ninguém fará isso por nós. Temos de procurar uma força renovada que venha de dentro. Temos de produzir com a nossa energia, a nossa imaginação e o nosso trabalho.

Cabe à política e consequentemente aos seus diversos actores, o papel de actuar como ímpeto para a energia, a imaginação e o trabalho dos portugueses.

Para colocar Portugal a de novo a mexer, para pagar a dívida e para pagar os nossos futuros reformados, temos de trabalhar mais e não simplesmente pedir aos portugueses que apertem o cinto. Para além da política de sacrifício que nos está a ser solicitada temos de apelar a uma verdadeira política de esforço.

De facto o trabalho cria trabalho. O trabalho cria riqueza, bem estar, o sentimento de se ser socialmente útil e auto-estima. A única maneira que temos de superar a crise é dar mais importância ao trabalho.

Parece-me que darmos mais importância ao trabalho é a chave para o nosso futuro e como tal o Governo deve tornar esta a sua prioridade máxima para todas as suas políticas públicas. A essência desta política é a recompensa do esforço, do mérito e do risco.

Nada é mais importante do que restaurar o trabalho como virtude suprema. E para o fazer há apenas uma solução: ***provar que trabalhar compensa ou seja os benefícios do trabalho têm de ser maiores do que os subsídios estatais.***

Por esta razão, penso que uma das nossas prioridades passaria por dar incentivos ao trabalho e recompensa-lo. Podemos fazê-lo, por exemplo, se deixarmos que as nossas empresas sejam bem-sucedidas e que aumentem os salários de todos os trabalhadores, isentando as horas extraordinárias de todos os respectivos impostos.

Os mecanismos para esta política são os salários; as alterações na política fiscal, orçamental e monetária; e a segurança social, as escolas e a formação.

Mas o lugar para começar é um novo pacto de confiança entre a população que trabalha e a nação.

## **II – Investimento na Reestruturação e Modernização do Estado**

Portugal é cada vez mais um País com semelhanças idênticas aos países anglo-saxónicos no que toca à desigualdade e à pobreza, mas sem a sua mobilidade social e as taxas de emprego, e como os países escandinavos na despesa pública e impostos, mas com muito mais desemprego e défices. Temos todas as desvantagens dos dois sistemas sem as vantagens de nenhum.

Os portugueses sabem cada vez melhor que os serviços públicos, o sistema de saúde e o sistema de segurança social repousam sobre uma bomba relógio financeira- a dívida pública.

Mesmo com a venda de todas as «jóias da coroa», como é o caso recente da EDP e da REN, ainda nos encontraremos muito longe da quantidade de dinheiro necessária para pagar a dívida pública portuguesa.

É tempo de começarmos a interiorizar que somente com crescimento económico estaremos em condições de sair desta situação.

Para o efeito torna-se essencial que o Estado realize a sua Reestruturação e Modernização que ao longo dos tempos tem vindo a ser adiada. Necessita por isso urgentemente de investimento para efectuar essa Reestruturação/Modernização.

Mas todos nós sabemos que isso em vez de gerar, custa muito dinheiro. Mas nenhuma fábrica ou empresa conseguiram alguma vez reestruturar sem antes ter investido muito dinheiro. Porque seria diferente com o Estado?

**Não vejo razão para não criarmos um ORÇAMENTO ESPECÍFICO apenas para os Ministérios que implementem grandes programas de reestruturação. Usar os lucros das privatizações das grandes empresas públicas para a Modernização do Estado, em vez das despesas operacionais, seria na minha opinião uma boa ideia.**

Tornar o Estado mais eficiente, modernizando o funcionalismo público, reformando o sistema educativo, melhorando os esforços de investigação ou executando uma política para as cidades é algo que poderá e deverá ser feito independentemente das dificuldades orçamentais que estamos há mais de 30 anos a viver.

### **III – Disciplina no Processo Legislativo**

O Parlamento português tem de deixar de produzir leis por todos os lados. Em particular as empresas portuguesas e os seus cidadãos já não suportam tantas alterações legislativas.

O Parlamento não é o único responsável por deixar este problema desenvolver-se. Também o governo apresenta muitas propostas de lei. E o Parlamento tenta compensar as suas fraquezas sistémicas elaborando ou emendando leis. É por essa razão que tantas leis estão cheias de artigos puramente declaratórios que não fazem sentido constarem ali, mas que servem para permitir que o Parlamento marque o seu ponto de vista.

Devemos restaurar a disciplina do processo legislativo com menos leis, mas mais bem preparadas e mais bem elaboradas.

Há várias formas de o fazer, sendo a principal a incorporação na Constituição do princípio de « legítima confiança». Embora possa ser estranho, este princípio obriga simplesmente o Estado a cumprir a sua palavra. Por exemplo se o Estado adoptar legislação que deva durar dez anos, não a pode alterar antes disso.

#### **IV – Capital Para Investir na Economia Interna**

É notório que falta a Portugal capital para investir na economia interna e o actual nível de investimento estrangeiro, no nosso País, pode inclusivamente ser mais um sinal da nossa fraqueza económica do que da nossa atractividade.

Os últimos governos de Portugal têm sistematicamente conduzido políticas que desincentivam a criação ou detenção de riqueza no nosso País. É fácil ver ao que conduzem tais políticas. A nossa política fiscal, por exemplo, que tributa pesadamente os factores de produção mais móveis, como o capital e os trabalhadores altamente qualificados, em nada tem contribuído para a criação e manutenção de empresas no nosso País.

Na verdade, não obstante a integração europeia e a globalização, o destino da nações e a evolução do mundo ainda dependem muito dos estados e neste caso em particular daquilo que o Governo Português fizer na sua acção governativa.

A globalização está a criar um novo contexto, com já vimos anteriormente, mas também desafios diferentes, mas cabe-nos a nós mantermo-nos no “jogo”.

Portugal precisa, por isso, de novas empresas, que sejam inovadoras e que produzam essencialmente para o exterior.

Porém, numa altura em que o crédito bancário escasseia, a indústria de capital de risco formal não tem vocação nem interesse para apoiar empresas em fase inicial de desenvolvimento, os investidores estrangeiros para essas novas empresas são praticamente inexistentes e o Estado tem uma capacidade muito limitada de investir em empresas «startup», importa encontrar soluções em Portugal.

A necessidade de criar e desenvolver empresas inovadoras com elevado potencial de crescimento capazes de gerar crescimento económico e empregos de qualidade é prejudicada pela falta de financiamento de que são portadores os empreendedores.

Estas carências de financiamento que afecta as pequenas empresas em estágios iniciais, do seu processo de crescimento, são devido a falhas estruturais no mercado de capitais e à situação actual de falta de liquidez. Os Business Angels são pessoas que investem directamente o seu próprio dinheiro em empresas cujos promotores não são nem familiares nem amigos. Além disso, estes investidores tendem a apoiar os empreendedores com a sua experiência e contactos, ajudando o desenvolvimento das start-ups nas quais investem.

No entanto, embora um número crescente de pessoas comece a investir como Business Angels, o facto é que esta fonte de financiamento alternativa ainda não está difundida no nosso País e, claro, muito longe da situação dos EUA onde são tradicionalmente o principal recurso económico das novas empresas, em estágios iniciais de desenvolvimento. Estima-se que durante os primeiros seis meses deste ano cerca de 125.000 pessoas agiam como Business Angels fornecendo capital para 26.300 empresas e contribuindo para a criação de mais de

134.000 empregos (5 empregos por investimento).

Uma das medidas que os Estados têm de reforçar o investimento por parte dos Business Angels é o de estabelecerem incentivos fiscais para estes investidores.

Esta medida pode parecer desadequada à actual situação, em que Portugal se encontra, de ter de reduzir o deficit, no entanto, como indicado por um estudo recente da firma de consultoria Mazars e promovido pela FNABA -Federação Nacional de Associações de Business Angels , os benefícios fiscais aos Business Angels não significa uma redução das receitas fiscais para o Estado que os aplica.

De facto o estudo, que contempla a introdução de um benefício fiscal em Portugal de 30% dos investimentos realizados pelos Business Angels, a exemplo do que ocorre no Reino Unido, chega às seguintes conclusões:

- O Estado recupera sempre o valor do incentivo fiscal atribuído, sem qualquer perda de receita ou aumento nos gastos fiscais;
- O prazo para retorno do investimento do Estado é de zero meses, ou seja, o Governo começa a receber da nova empresa por meio de impostos e outras taxas, um valor superior aos incentivos fiscais concedidos, antes de ter que deduzir ou reembolsar o Business Angels;
- O retorno do investimento efectuado pelo Estado é similar em todos os cenários, sem ser afectado por qualquer sucesso ou fracasso da empresa em que o Business Angel fez o investimento, nem pela dimensão do investimento.
- Possivelmente, a introdução deste incentivo fiscal poderia ser um dos passos mais influentes na recuperação da economia Português.

É desejável por isso que, na presente legislatura, o Governo Português ponha em prática um rigoroso e decisivo apoio fiscal aos investimentos

realizados pelos Business Angels, resultando no aumento do número de pessoas dispostas a actuar como Business Angels, na quantidade de capital investido e do número de empresas que receberiam financiamento, nos primeiros estágios, contribuindo para o aumento da produtividade, da criação de riqueza e do emprego no nosso País.

## **V- EDUCAÇÃO EM EMPREENDEDORISMO**

Recentemente o Semanário Expresso dava-nos a informação de que a Alemanha possui, neste momento mais de 400 mil empregos, qualificados, disponíveis precisamente nas áreas de engenharia, enfermagem, medicina, ensino, hotelaria e turismo entre outras, ou seja precisamente as vagas que os Jovens portugueses tanto procuram e para os quais se encontram preparados através da qualidade do nosso Sistema de Ensino.

Desta forma parece, à primeira vista, ser mais fácil ter sucesso na Alemanha, no Reino Unido ou mesmo no Brasil, do que em Portugal. Ou, ainda pior, parece que o sucesso se tornou tão embaraçante em Portugal que os jovens que o querem alcançar têm mesmo de sair.

Penso no entanto que não devemos aceitar esta visão minimalista daquilo em que se está a tornar o nosso País. Não nos devemos resignar a ver a parte mais dinâmica e activa da nossa sociedade – a nossa juventude – a abandonar Portugal.

Nada disto é inevitável. É consequência da nossa falta de vontade e de imaginação. É por causa dos recursos que não disponibilizamos na altura e local exactos, dos gestores públicos que não colocámos nos níveis certos nas instituições adequadas e do fraco interesse que demonstramos pelas coisas que fogem ao conservadorismo e comodismo reinante na sociedade portuguesa.



De facto e tal como eu próprio já o afirmei por diversas vezes, o nosso Sistema de Ensino encontra-se muito bem elaborado para satisfazer as necessidades da Chanceler Merkel mas não as do nosso País.

Ter jovens portugueses com talento para trabalhar noutros Países ou em empresas Multinacionais instaladas em Portugal sem que estes tenham de pagar um único centavo pela sua formação é algo que me tira do sério e que o nosso País irá continuar a pagar bem caro cada dia que passa...

Acresce que depois de ter estado em Silicon Valley, há duas semanas atrás, a convite do Senhor Presidente da República onde tive o privilégio de ouvir o Fundador da Cisco, John Chambers, dizer que Portugal será um dos poucos Países do Mundo em que não irá deixar de investir devido precisamente ao elevado talento que os nossos jovens possuem, ser confrontado com estes dados, que o Expresso dá agora a conhecer a todos os portugueses, é suficiente para que partilhe as minhas preocupações sobre o nosso Futuro e principalmente o dos nossos Jovens.

Se pensarmos que o principal motivo que leva a Alemanha a ter necessidade de recrutar jovens em países qualificados, como Portugal, se encontra no facto de que esse país deverá passar dos actuais 45 milhões de pessoas empregáveis para 27 milhões em 2050, uma vez que a evolução demográfica que se verifica, com o crescente envelhecimento da população não permite a substituição natural dos quadros mais antigos, e relacionarmos com semelhante situação que temos em Portugal a pergunta que devemos fazer é:

Então se os nossos jovens se vão embora, quem cria a riqueza para aqueles que em breve irão entrar na reforma e que tem pago, com os seus impostos, a formação dos que naturalmente deveriam criar essa riqueza?

Triste sina a nossa... De vivermos num País em que os nossos responsáveis nos continuam a querer sempre a trabalhar por conta de outrem em detrimento de proporcionarem as condições para que muitos mais jovens portugueses ambicionem criar as Cisco ou a Siemens do Futuro, através da concretização, em produtos e serviços, do elevado Conhecimento Científico que adquirem diariamente nas Universidades e nos Centros de

Saber que cada vez mais se encontram bem sedimentados ao longo do País, gerando assim a riqueza que o nosso Povo tanto necessita.

**De facto um Sistema de Ensino que não tem um Programa de Ensino do Empreendedorismo desde o básico até à Investigação passando pelo Ensino Superior não pode naturalmente ambicionar muito mais do que formar os seus Jovens para irem engrossar os “exércitos” do Conhecimento que os Países mais avançados estão a contratar para continuarem a liderar na Arena Global.**

Esta constatação é no entanto ainda mais difícil de aceitar quando se sabe que já existem um conjunto de Escolas, Agrupamentos de Escolas, Municípios, Associações Empresariais, Sociais entre outros Organismos, públicos e privados, que estão a ser apoiados por diversas entidades, com metodologias nacionais ou internacionais, habilitadas no Ensino do Empreendedorismo que não se revêem na falta de estratégia das entidades coordenadoras e decidem avançar neste importante Desígnio Nacional que é a Educação dos nossos Jovens tendo presente a capacitado em Empreendedorismo.

Recordo só por curiosidade que a GesEntrepreneur este ano lectivo ( 2011/2012),se encontra a formar mais de 12.000 alunos em 66 Municípios Portugueses depois de já ter formado, desde 2006, mais de 30.000 jovens do Ensino Básico, Secundário e Técnico Profissional, para não falar mesmo dos 1500 Professores que obtiveram a formação necessária à transmissão das competências comportamentais que moldam o espírito empreendedor dos seus alunos.

Inclusivamente o Município de S.João da Madeira, liderado pelo Dr Manuel Castro Almeida Ex- Secretário de Estado da Educação no tempo em que a Dra Manuela Ferreira Leite era Ministra da Educação, no âmbito de um Programa Comunitário de apoio a alguns Municípios do Interior da América Latina, como são o caso da Bolívia, Equador, México e Chile, recomendou que a metodologia de Ensino do Empreendedorismo, da Gesentrepreneur, fosse replicada naqueles Países.

Metodologia esta que para além da qualidade dos seus conteúdos se torna atractiva do ponto de vista da sua exequibilidade, operacional e

financeira, dado que o veículo de transmissão do Conhecimento são, como não poderia deixar de ser, os próprios professores, que estão nas escolas, e não os consultores por motivos óbvios.

Mais recentemente os responsáveis governamentais de uma Região transfronteiriça, com a nossa vizinha Espanha, manifestaram o seu interesse em conhecer mais pormenorizadamente a citada metodologia reflectindo assim os resultados que se estão a verificar na aplicação da mesma no nosso País.

Ora numa altura em que, a generalidade dos Municípios portugueses tem ao seu dispor programas comunitários

- beneficiando da visão estratégica do Presidente do IAPMEI, Dr Luis Filipe Costa, que em devido tempo teve a capacidade de recomendar aos responsáveis desses Programas a necessidade de aproveitar parte das verbas para a capacitação na área do empreendedorismo, que asseguram o pagamento de 85% a fundo perdido destas acções de empreendedorismo- como se explica que menos de 100, em 308, se encontrem a proporcionar aos nossos jovens aquela que é considerada uma das 8 competências chave mais importante para a aprendizagem ao longo da vida ou seja o Empreendedorismo?

Ainda para mais quando recentemente um estudo apresentado na União Europeia revelava que menos de 5% dos Jovens na Europa tem acesso a programas de empreendedorismo, em idade escolar, e quando se sabe que aqueles que tem acesso a estes programas criam mais tarde 4 a 5 vezes mais empresas do que aqueles que não tiveram acesso ou tem uma taxa de empregabilidade muito mais alta?

Tenho consciência que o tema do Empreendedorismo, como uma ideia importante para alavancar o crescimento da economia nacional, não se esgota nestas breves ideias, acerca da Educação do Empreendedorismo mas talvez realçando duas frases que o Professor Eduardo Catroga, citou, no Programa com que o PSD se apresentou ao Povo português, nas ultimas eleições, talvez se perceba melhor a importância do trabalho que temos pela frente na área do Ensino em Portugal:

” ...O Empreendedorismo é uma revolução silenciosa que será mais importante para o século XXI que a revolução industrial foi para o século XX.” Jeffrey Timmons

” O Empreendedorismo é uma ferramenta poderosa para ajudar as pessoas a alcançarem o seu sucesso económico ao mesmo tempo que tomam o controlo das suas vidas.” Chris Curtis

Francisco Banha